

Nós, o povo brasileiro

O GLOBO

20 AGO 1998

EMIR SADER

Educação

Quem somos nós, o povo brasileiro, que daqui a poucas semanas decidiremos os destinos do nosso país até entrado o século XXI?

Somos 106 milhões de pessoas, segundo o Tribunal Superior Eleitoral, praticamente metade homens e metade mulheres. Mas o principal é que nós somos majoritariamente analfabetos ou semi-analfabetos: oito milhões de analfabetos, 25 milhões que apenas sabem ler e escrever e nove milhões que possuem Primeiro Grau incompleto. Um total de quase 80 milhões de pessoas que podem ser consideradas analfabetas funcionais, isto é, que não conseguem ler um texto, compreendê-lo e reproduzi-lo por escrito. Difícilmente se pode dizer que tenham condições de ler e assimilar a leitura de um jornal.

Mesmo num estado como São Paulo, mais da metade dos eleitores tem no máximo o curso de Primeiro Grau incompleto.

to, isto é, são analfabetos, apenas sabem ler e escrever ou somente começaram o primário, sem concluí-lo, num total de 13 milhões de pessoas. Na outra ponta, apenas 3,4 milhões dos eleitores conseguiram concluir curso universitário.

Em estados como Alagoas, mais de 20% de todos os eleitores são analfabetos que, somados aos que somente sabem ler e escrever e os que somente iniciaram o Primeiro Grau, são mais de 78%, isto é, quase quatro de cada cinco pessoas que têm direito a voto podem ser consideradas analfabetas de fato. No Piauí, o total dos efetivamente analfabetos chega a mais de 82%, enquanto os que conseguiram ter diploma universitário são apenas 1,58% do eleitorado, isto é, 28 mil pessoas. No Maranhão, apenas 1,25% pôde concluir curso universitário, com quase 20% oficialmente analfabetos.

O Rio de Janeiro é o estado com percentual menor de analfabetos, apenas somente 2,82%, enquanto em Brasília 7% dos eleitores têm diploma universitário,

cerca de um em cada dez dos que têm direito a voto. Brasília é uma das poucas cidades em que mais da metade dos eleitores tem pelo menos o Primeiro Grau completo.

O que isso nos diz sobre nós mesmos? Diz que em sua grande maioria os brasileiros estão alijados da possibilidade da leitura, com tudo o que ela significa em termos de poder de compreensão da realidade de cada um no mundo. Como podemos compreender essa situação, no final da década de combate ao analfabetismo, em que o Brasil está entre os países que não cumprirão com as metas com que se comprometeu com a Unesco?

Todos os governantes, parlamentares e candidatos afirmam ou aceitam que "a educação seria a primeira prioridade do Brasil", todos os ministros da educação costumam achar que estão fazendo "uma revolução na educação do país", e depois deles a educação já não será a mesma. E no entanto continua a mesma, não aquela que as autoridades costumam

exibir nas suas propagandas, mas a realidade cotidiana das salas de aula sem professores, dos professores sem salários minimamente dignos, das crianças fora das escolas.

Um dos maiores poetas do século, Bertold Brecht, pode nos ajudar a compreender. Ele diz, num dos seus poemas de grande atualidade: "Se governar fosse fácil/Não havia necessidade de espíritos tão esclarecidos como o do Führer" (já que naquele momento se tratava de Hitler). E acrescenta: "É só porque toda a gente é tão estúpida/Que há necessidade de alguns tão inteligentes." E conclui: "Ou será que/Governar só é assim tão difícil porque a exploração e a mentira/São coisas que custam a aprender?" Ou, como costuma dizer o nosso povo: "Eles não dão educação para o povo, o mantêm na ignorância, para melhor dominá-lo."

Foi criado recentemente um tribunal internacional para julgar crimes contra a Humanidade. É uma boa iniciativa, se opuseram somente alguns poucos países

que têm o que temer, liderados, aliás, pelos Estados Unidos. Mas será que não seria necessário mais do que isso? Não seria necessário um tribunal internacional para julgar governos e governantes que impedem a massa de seu povo de ter acesso a bens fundamentais de que a Humanidade dispõe há séculos? Por exemplo, aqueles países que, sem catástrofes naturais, com recursos naturais, dispondo até mesmo de professores e de métodos de alfabetização consagrados mundialmente, impedem 80 milhões de pessoas com direito a voto de informar-se minimamente pela leitura para fazê-lo democraticamente? Sem falar nos índices de mortalidade infantil, de esperança de vida ao nascer, de acesso a esgotos e a água filtrada? Ou será que, sem escolaridade básica para todos, o Governo termina sendo acessível somente a alguns e "a exploração e a mentira" ficam mais difíceis de ser aprendidas?

EMIR SADER é professor de sociologia da UERJ.